



O CRONOTOPO DO CONVENTO EM *A MONJA DE LISBOA*, DE AUGUSTINA BESSA-LUÍS

THE CHRONOTOPE OF THE MONASTERY IN *THE LISBON CLOISTRESS*,
BY AUGUSTINA BESSA-LUÍS

Marilurdes Cruz Borges^{1*}

Juliana Spirlandeli Batista^{**}

34

Resumo: A história da *Monja de Lisboa* se constrói e se reconstrói por meio de diferentes narrativas. Agustina Bessa-Luis revisita-a a partir de cronotopos dialógicos, promovendo uma nova possibilidade de leitura sobre a mística que envolve Maria da Visitação. Observar o cronotopo literário, segundo Bakhtin (2018), requer analisar a estrutura do enredo e o seu vínculo estreito com a história da cultura, conforme a narrativa é contada pelo autor-criador. O objetivo deste estudo é analisar como os diálogos concebem a personagem protagonista Maria de Menezes, a Monja de Lisboa, e significam e ressignificam o cronotopo do convento da Anunciada. A leitura e a interpretação são subsidiadas pela lupa teórica dos estudos bakhtinianos no que se refere aos conceitos de cronotopo, diálogo e autoria. A análise revela que a mística sobre Maria da Visitação está no grande tempo, que aparece nos diálogos e nos cronotopos dentro e fora do convento da Anunciada. São diferentes vozes ecoando ideologias que condenam e santificam a *Monja de Lisboa*.

Palavras-chave: cronotopo; diálogo; autoria, *A monja de Lisboa*.

Abstract: The story of *The Lisbon Cloistress* is built and rebuilt through different accounts. Agustina Bessa-Luís revisited it from dialogical chronotopes, promoting a new reading possibility on the mythical which involves Visiting Holy Mary. Observing the literary chronotope, as Bakhtin (2018) mentions, requires analysing the structure of the plot and its close link to the history of the culture, while the story is being told by the author-creator. The aim of this study is to analyse how the dialogues build the main character Maria de Menezes, *The Lisbon Cloistress*, and brings meaning and gives a new meaning to the chronotope of the Anunciada Monastery. The reading and interpretation are sounded by the bakhtinian studies in reference to the concepts of the chronotope, dialogue and authorship. The analysis reveals that the mythical around Visiting Holy Mary is on the major time, which appears in the dialogues and in the chronotopes inside and outside the Anunciada Monastery. We have different voices echoing ideologies which condemn and sanctify *The Lisbon Cloistress*.

Keywords: chronotope, dialogue, authorship, *The Lisbon Cloistress*.

* Doutora em Linguística. Docente do PPG Linguística da Universidade de Franca. marilurdescruz@gmail.com

** Pós-doutoranda em Linguística no PPG Linguística da Universidade de Franca. juspirlandeli@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O tempo e o espaço são elementos intrínsecos à vida humana, pois o homem se constitui em diálogo com o meio e o tempo em que vive e convive. O espaço parece ser mais perceptível ao homem, pois ele pode ser apreendido pela visão, por meio do reconhecido ou não de um ambiente ou por regras de conduta, como por exemplo os espaços aéreo, terrestre e marítimo. O espaço pode ser também demarcado por elementos concretos ou abstrato em que se determina propriedades e regionalidades, sejam elas em âmbitos municipal, estadual, federal e global. Já o tempo é um elemento mais difícil de ser apreendido porque, aparentemente, não é visível. Ele é perceptível pelos elementos da natureza que marcam, por exemplo, a rotatividade da terra pelo amanhecer e anoitecer, ou pela cronologia que registra as fases e a evolução entre o nascer, o crescer e o morrer. O homem criou meios de medir o tempo, observando suas ações e acontecimentos em relação ao momento presente, observando seu passado e projetando seu futuro.

Mikhail Bakhtin desenvolveu o conceito de cronotopia analisando essas duas categorias – tempo e espaço – como determinantes à construção da forma e do conteúdo no campo literário, pois, nesse gênero discursivo, o autor-criador² materializa as ações, os pensamentos e os sentimentos humanos em um grande tempo histórico. É nesse sentido que, para Bakhtin, o tempo é o princípio condutor no cronotopo.

² “O autor-criador, situando-se fora dos cronotopos do mundo por ele representado, encontra-se não simplesmente fora, mas como que na tangente a esses cronotopos. Ele representa o mundo do ponto de vista de uma personagem que participa do acontecimento representado ou do ponto de vista do narrador, ou do falso autor, ou, por último, sem recorrer a nenhuma intermediação, conduz a narração diretamente de sua posição como autor genuíno (no discurso direto do autor), mas até nesse caso ele pode representar o universo espaço temporal com os seus acontecimentos como se os visse e os observasse, como se fosse uma testemunha onipresente” (BAKHTIN, 2018, p. 234).



O tempo como tal se concretiza, se encarna, se torna artisticamente visível, da mesma maneira, o espaço se torna carregado e responsivo aos movimentos do tempo, enredo e história. A intersecção de eixos e a fusão de indicadores caracterizam o cronotopo artístico. (PEARCE, 1994, p.173-195 *apud* BERMONG, 2015, p.17)

Na construção da forma e do conteúdo literário, há diferentes tipos de cronotopo, dependendo do projeto de dizer do autor-criador e do gênero, ou seja, da propositura narrativa em relação à temática e ao gênero romanesco. Em muitos romances modernos, o fio condutor da narrativa centra-se nos conflitos psicológicos. Nesses casos, tem-se o cronotopo do diálogo que, segundo Keunen (*apud* BERMONG, 2015, p.23), há três subtítulos: “o cronotopo trágico (em que personagens conflitivos predominam), o cronotopo cômico (em que personagens equilibrados predominam) e o cronotopo tragicômico (sem personagens dominantes)”.

Nos estudos bakhtinianos, observar o cronotopo literário requer analisar a estrutura do enredo, além de considerar o seu vínculo estreito com a história da cultura. História essa não vinculada estritamente ao tempo e ao espaço do autor-pessoa, do autor-criador ou da narrativa, mas ao grande tempo, como cita Bakhtin (2017, p. 16): “uma obra de literatura se revela antes de tudo na unidade diferenciada da cultura da época de sua criação, mas não se pode fechá-la nessa época: sua plenitude só se revela no grande tempo”.

Ao dizer que na literatura há um grande tempo, Bakhtin considera tanto o diálogo da obra com a história da cultura, quanto o diálogo com o leitor, por isso a interpretação cronotópica é dialógica, pois é marcada pela distância no tempo, no espaço e na cultura.

A cultura do outro só se revela com plenitude e profundidade (mas não em toda a plenitude, porque virão outras culturas que a verão e compreenderão ainda mais) aos olhos de outra cultura. O sentido só revela as suas profundezas encontrando e contatando o outro, o sentido do outro: entre eles começa uma espécie de diálogo que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas. (BAKHTIN, 2017, p.18-19)

Nesse sentido, Bakhtin considera que a literatura, enquanto objeto das ciências humanas, é “o ser *expressivo e falante*. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (2017, p.59). É nessa perspectiva que desenvolvemos a leitura e a análise do romance **A monja de Lisboa**, de Agustina Bessa-Luís, observando o cronotopo do convento da Anunciada no grande tempo.



O objetivo deste estudo é analisar como os diálogos concebem a personagem protagonista Maria de Menezes, a monja de Lisboa, e significam e ressignificam o cronotopo do convento da Anunciada. Para desenvolver esta investigação qualitativa, utilizamos por metodologia a pesquisa analítica e reflexiva na perspectiva dialógica do discurso. Subsidia a leitura e a interpretação a lupa teórica dos estudos bakhtinianos no que se refere aos conceitos de cronotopo (BAKHTIN, 2018), diálogo e autoria (BAKHTIN, 2017; 2018).

2. DIÁLOGOS DO E NO CONVENTO

A palavra “convento”, em língua portuguesa, refere-se a um espaço físico designado para servir de residência a religiosos – homens ou mulheres – que vivem comunitariamente sob determinações de regras e valores ideológicos pré-estabelecidos por congregações eclesiais. O convento foi espaço de várias narrativas literárias, sendo, em algumas delas, protagonista ou concebendo protagonistas, como é o caso do romance **A monja de Lisboa**.

O convento é uma instituição derivada do mosteiro e com ele dialoga em algumas proposituras. O primeiro mosteiro ocidental que deu origem ao monasticismo cristão e à Era Medieval Ocidental é o mosteiro de São Bento, criado em 529 – século XI, na Itália (DIEL, 2017). Este mosteiro, bem como outros existentes nesse período, serviu de porta-voz e expansão do cristianismo e de “porto seguro para os leigos ávidos de estabilidade e paz, numa época em que romanos e bárbaros, pobres e ricos, eram arrastados aos sabores da sorte de um século de terror” (FIERRARD, 1982, p.58). Ambas as instituições – convento e mosteiro – prezam pela vida religiosa e pelo cárcere dentro de um espaço restrito, embora alguns funcionaram em majestosas construções.

Enquanto mosteiros eram governados por abades ou abadessas e tinham por filosofia a vida solitária, visto que no início as construções ficavam fora dos povoados, onde os monges(as) viviam de forma simples, contemplando a natureza; os conventos eram habitados por frades e freiras e tinham por filosofia a vida em comunhão, por isso, seus moradores eram chamados de “irmãos” que viviam em comunidade. Ressalta-se que tanto no mosteiro quanto no convento, os gêneros masculino e feminino não conviviam no mesmo espaço, já que tinham por objetivo o isolamento do contexto social para disciplinar e transformar a personalidade do interno.

Mosteiros e conventos possuem, segundo Benelli (2009, 49), “um aperfeiçoado código que seleciona os vocacionados novatos (o código religioso da vocação) e finalidades



institucionais oficiais específicas (realizar um processo de conversão para 'matar o homem velho' e produzir um 'homem novo')". O enclausuramento visa inibir a desordem e a má influência do candidato à vida religiosa; organizar uma sociedade submetida a uma lei ordenadora e poderosa; valorizar a abstenção sexual, a castidade e a virgindade; estimular os rituais litúrgicos e a oração na vida cotidiana por meio de meditação e leitura de textos sagrados; cultivar as práticas penitenciais como a autoflagelação, dentre outros (GÓMEZ, 1996).

O convento palco para a narrativa de **A monja de Lisboa** é o convento da Anunciada, localizado no Largo da Anunciada, em Lisboa. Este espaço físico foi habitado por Templários e serviu de mesquita aos mouros. Em 1400, foi o mosteiro habilitado por religiosos da legião de Santo Antão e, em 1533, Fernando Álvares de Andrade transformou-o no convento da Anunciada, moradia das religiosas dominicanas, protegidas de D. Leonor, mulher de D. João II.

A congregação dominicana feminina que ali viveu, cresceu ocupando, além do convento, "cento e vinte casas, dez pátios e jardins e pomares, hortas e lugares de recreio (BESSA-LUIS, 1985). As casas e o convento receberam o nome de Anunciada porque as freiras dominicanas divulgavam a história de Nossa Senhora da Anunciada³ e levaram para aquele ambiente a espiritualidade da esperança e da bondade proferida por esta santa.

O grande tempo bakhtiniano pode ser compreendido nessa narrativa historiográfica que compõe a existência do convento da Anunciação. Quantos homens, quantas histórias, quantas ideologias ecoaram e ecoam nos corredores desse espaço marcado por tempos diversos, antes e depois da existência deste convento. Inicialmente pertencente ao clérigo, depois tomado pelos mouros, recuperado, passou a ser propriedade dos afortunados e, contemporaneamente, de posse governamental.

o mosteiro situou-se na aura das 'cortes de aldeia', onde, entre invejar e filosofar, se ia esperando mudar a fortuna. O paço da Anunciada, que, por contratos de casamento foi destinado aos condes da Ericeira (localize-se entre a Rua dos Condes e o Largo da Anunciada da Lisboa moderna), foi museu de muitas obras de arte que o terremoto de 1755 destruiu. [...] Não é demais cuidar estas coisas, porque da amenidade dos lugares se faz a alma

³ A aparição e anúncio de Nossa Senhora, mãe de Deus, em um graveto, no início do século XIII, entre 1235 a 1250, no tempo dos reis Dom Sancho II e Dom Afonso III, deu origem à história de Nossa Senhora da Anunciada. Disponível em: <https://www.a12.com/academia/titulos-de-nossa-senhora?s=nossa-senhora-anunciada>



e o corpo com que o mundo se acha precavido ou atormentado". (BESSA-LUIS, 1985, p.15).

Como cita Agustina Bessa-Luis, há uma variedade de mosteiros em Portugal, o que se presume ser um país fecundo em "espiritualidade ou mística profunda", embora os conventos femininos do século XVI funcionassem mais como "hotéis de luxo que chamam as professoras de alta jerarquia, sem que lhes falte nada do bem-estar habitual e próprio do seu nascimento" (p.15). Como os demais conventos de noviças, o convento da Anunciada "funcionava como remédio heróico" para proteger as nobres solteiras, visto que "as mulheres que se recolhem aos conventos, não só para professar, mas também como para preservar o carácter econômico da sua fidalguia, sabiam que exploravam novas relações de mercado" (p.15)

No convento da Anunciada, junto às freiras dominicas, residiam mulheres da mesma casta social. Dentre elas, estavam D. Joana de Noronha e sua irmã Margarida, mulheres cultas, donas de grandes riquezas e dotadas de capacidade de mando. Posteriormente, juntaram-se a elas as outras irmãs, passando a conviver ali as cinco irmãs da família Linhares – Margarida de S. Paulo, Catarina, Maria, Francisca e Beatriz – que carregavam o ódio ao gênero masculino, considerado por elas o grande responsável pelo voto, ou melhor, pelos seus encarceramentos no convento. Também viveram no convento, nesse tempo, algumas mulheres da família Menezes.

Este convento servia mais à manutenção da imagem tradicional de uma casta social do que à educação para a vida sacerdotal ou santa. Como expõe o autor-criador de **A monja de Lisboa**, cinco irmãs da mesma família e casta social juntas e aliadas "podem fazer uma comunidade demasiado personalizada, perigo certo para as coisas de virtude" (p. 19). Nesse sentido, o convento "torna-se num centro integrador mavioso, ocupado como era por mulheres para quem os jogos de pressão política eram escusados" (p.17).

Quando o convento da Anunciada ficou sob a responsabilidade do conde D. Fernando de Noronha, os domínios de mando e poder a floraram no comportamento das irmãs internas, pois o caráter econômico e as relações de mercado passaram a determinar ações, comportamentos e valores dentro do convento. "A Anunciada, com as cinco Linhares em vias de regenerar entre elas, por meio do sentimento de participação, um sistema credencial, torna-se positivamente uma via de facto, ou seja, de fórmula política exacta" (BESSA-LUIS, 1985, p.24).



Nesse sentido, o cronotopo do convento da Anunciada pode ser compreendido não apenas pelo momento histórico vivido pelas mulheres Linhares dentro de seus muros, mas pela identidade cultural de todo povo português.

Um convento, no século XVI, representava um laço moral entre todos os indivíduos dum povo. Não era, como se julga, mercê de ideias demolidoras toscamente aparentadas à liberdade de pensamento, um mundo de mistérios vinculados a uma cosmovisão fechada e inepta. O convento encontrava-se em harmonia com o grau de maturidade moral e intelectual do cidadão comum e mantinha-se em correspondência com o meio social através do carisma dos seus indivíduos, que às vezes atingia formas políticas (BESSA-LUIS, 1985, p.24)

A partir do excerto, pode-se observar um diálogo entre o comportamento das mulheres no convento com a posição política e social da fidalguia portuguesa. O povo português é, historicamente, identificado como um povo tradicional, cristão e guerreiro. Desde a sua constituição como nação, precisou enfrentar batalhas com os espanhóis e com os mouros para assegurar a propriedade de suas terras, de sua língua e de sua cultura, além de ser um grande colonizador, o que justifica, talvez, sua hostilidade e posição política de Estado, a qual aplicou uma “Inquisição mais policial do que mística” (p.24) e gerou comportamentos intransigentes que foram caracterizados como “uma gente estranha, dinasticamente marcada por um toque de insegurança que desenvolvia nela o exercício da perfeição” (p.25). Esse é o grande tempo presente no convento que dialoga com os comportamentos e os valores das mulheres que ali viviam.

O convento da Anunciada é cronotopicamente porta-voz da Contrarreforma, pois na vida pública lisboeta “subsistia uma fixação a crenças pagãs e costumes sexuais estranhos aos preceitos católicos” (p.27). No intuito de inibir esses comportamentos, a leitura do **Livro da oração e meditação**, escrito por frei Luis de Granada era obrigatório para exemplo de boa conduta cristã e impedir a proliferação das ideias revolucionárias e do protestantismo. Assim, agiam as irmãs Linhares, pois estavam “convencidas de que o respeito ao sacro reflectia o respeito ao sistema; fazia parte dos componentes mentais duma elite, organizados em torno de conceitos primordiais que justificam a acção dessa mesma elite” (p.27).

Há, pois, diferentes vozes ecoando no interior do convento da Anunciada e essas vozes representam diferentes sujeitos delimitados por tempo e espaço diverso. “A existência do sujeito humano (que é mais do que um ser biológico) está fundada na diferença, no



confronto entre um “isto” e um “aquilo”, um “eu” e um “tu” (SOBRAL, 2009, p.35). O sujeito, na perspectiva bakhtiniana, é um ser constituído por vozes plurais.

O facto de D. Margarida de Noronha ter escolhido para nome de professa o de Margarida de S. Paulo diz bastante do seu carácter e do seu estilo. Era uma lutadora; e, possivelmente uma mulher de letras que representava o corpo social conventual um dinamismo ascendente. A pluralidade dos planos políticos que tocou a todos os homens da Península deu um novo cariz ao problema das elites. Mantinha-se a consciência dos antigos feudos particulares, mas levantava-se uma consciência também protonacional que, no caso de Portugal, era especialmente sensível, com intensidade e inquinações próprias. (BESSA-LUÍS, 1985, p.28)

Tal qual D. Margarida de Noronha, suas irmãs e demais mulheres da fidalguia portuguesa também carregam a dualidade ideológica comum ao momento histórico português, bem como ao grande tempo que forma a nação portuguesa. O convento é símbolo da sociedade, com ela dialoga e responde. Dele ecoam vozes cerceadas de misticismo e filosofia, como pode ser observado na descrição feita pelo autor-criador de Bessa-Luís (1985, p.29) em: “a base de toda a mística é a inflação do temor e a sua transformação no novo homem, limpo de medo, isto é, perigoso porque sem necessidade”. A filosofia adotada pela Contrarreforma era “a meditação guiada pela letra”, o que inibiu “muitos fenômenos de arroubamento, êxtase, fantasia e graças várias, como os estigmas e os milagres” (p.30).

Os discursos que envolvem a religião e a fé em Portugal, no século XVI, evidenciam a arena política desencadeada pela Reforma luterana e pela Contrarreforma: a oposição entre a adoração a Deus em espírito e em verdade em oposição à adoração a Deus em letra evangélica. Esse embate de vozes e ideologias determinam o cronotopo das ações e reações dentro e fora do convento, já que “a contemplação adquirida é uma natureza que está para além da teologia especulativa” (p.30-31).

Em 1587, o convento da Anunciada “podia parecer uma fantástica cidadela de iluminadas” (p. 45), pois segundo o frei Alonso “o espírito iluminado, em quem não é propenso a fácil destruição, actua como uma semi-morte e leva a executar ‘tudo o que ali se inspira [...] contra as regras da prudência e contra a justa razão’” (p.45). Antes do caso da Monja de Lisboa, houve outras internas “atingidas da morbidez colectiva de visões, êxtases e



arroubamentos” (p.38). Essa “cidadela de iluminadas” é tida como “uma região especialística de alumbradas, administradas por doudas cabeças como a de Luís de Granada” (p.40).

São diversos fatores e vozes que constituem o cronotopo do convento da Anunciada e, para melhor compreendê-lo, passaremos a observar os diálogos que concebem a personagem protagonista, Maria de Menezes.

3. DIÁLOGOS DO GRANDE TEMPO EM MARIA DE MENEZES

A sociedade portuguesa se constitui como nação independente politicamente apenas no século XII, mas somente no século XVI, a mulher portuguesa se libertou da misoginia, sendo reconhecida pelo frei José de Haro como seres que possuem “natural ambição de conseguir o poder e a liberdade” (BESSA-LUIS, 1985, p.17), embora essa libertação nem sempre seja sinal de ruptura com os valores machistas e a subjugação da mulher na sociedade. A mulher, segundo o frei José de Haro, poderia, ao mesmo tempo, ser dominada e dominadora, pois

o sexo é a sua arma de subversão, qualquer que seja a têmpera e o gume usado – ou o da virtude, ou o do relaxamento. Uma vez desmantelado o programa unificador da sociedade que é a honra, no conceito masculino actuante, a mulher encontrava disponível um terreno que lhe é infinitamente caro: o do mando social (BESSA-LUIS, 1984, p.18)

O convento da Anunciada era um espaço ocupado apenas por mulheres – freiras dominicanas e fidalgas solteiras – que, dotadas de poder de mando, conviviam em uma arena de combate. D. Maria de Noronha, irmã ilegítima de D. Margarida de Noronha, já habitava o convento antes desta se professar como Margarida de S. Paulo. Margarida era uma mulher letrada, “ilustrada, metida pela teologia especulativa em relação mental com as honras que queria, se não reconstruir, pelo menos considerar” (p.19). Bem próximo a ela, professou sua outra irmã, D. Catarina.

Maria de Menezes entra para o convento ainda criança, “tinha apenas onze ou doze anos” (p.29). Era uma criança “pura, humilde e simples” e possuía, de acordo com o frei Luís de Sousa, as características que o “bom dominicano contempla como o conceito do amor que orienta a vida dos homens” (p.46). Maria de Menezes “exercia grande encanto entre mestras e demais noviças do mosteiro”, porque tinha “um semblante amável, acompanhado de tal jeito, e brandura, que criava nos ânimos de quem a via respeito, e afeição. [...] Ainda não tinha



catorze anos de profissão, já por toda a cidade e Reino era nomeada como coisa caída do Céu, a freira da Anunciada” (BESSA-LUIS, 1985, p.47). Ao caracterizá-la como “coisa caída do Céu”, observa-se um diálogo com a expressão “anjo caído do céu”, o qual evidencia a dialética entre anjo e demônio, apontando que nela havia, ao mesmo tempo, a candura e a diabrura, a calma e a tentação, a salvação e o pecado.

Essa jovem mulher – Maria de Menezes, Maria da Visitação – ficou também conhecida como a Monja de Lisboa. Ao mesmo tempo que provocava serenidade, “foi acumulando inimigos” (p.46). Suas chagas são avaliadas por diferentes perspectivas e ideologias que cerceiam os muros internos e externos do convento da Anunciada. Para frei Luís de Sousa,

Maria da Visitação acumulava provas de santidade, e que ela própria, tanto física como moralmente, era candidata à simpatia merecida por uma criatura entre a força encantatória e a fragilidade quase cósmica. Ela representava o papel da subalterna ideal que a idade Média atribuía à mulher e que ela conservou até aos fins da I Guerra Mundial. (BESSA-LUIS, 1985, p. 46)

O julgamento que frei Luís de Sousa faz de Maria de Menezes carrega diálogos com a Reforma Luterana – embora pertencente a legião Contrarreformista –, pois propõe um olhar sobre a religiosidade espiritual, em que a presença divina se materializada no corpo do fiel. Segundo ele, Maria era “uma linda mulher, comovente pela sua figura delicada e os seus olhos esverdeados. Virtuosa por condição, amável sem estratégia, ela limitava-se a gozar inocentemente a sua estrela fácil que era a de ser amada” (BESSA-LUIS, 1985, p.47).

Opondo-se à posição de frei Luis de Sousa, frei Alonso de La Fuente avalia Maria a partir da premissa da “heresia dos alumbrados”, ou seja, julga-a de forma ortodoxa, a partir de um discurso contrarreformista que só valida a existência divina pelas letras da Sagrada Escritura. Frei Alonso diz que as chagas de Maria de Menezes representam “os males da inspiração vivida por fracas mulheres”. Para ele, as mulheres simples, de poucas poses, rameiras e profanas eram as que “mais sentiam os efeitos da presença de Deus com espécie sensível” (BESSA-LUIS, 1985, p.47). Frei Alonso considera que esses efeitos acontecem por falta de enfrentamento do subconsciente, isto é, o pouco acesso ao modo teórico, à palavra escrita, a Santa Escritura. Havia, no convento, segundo frei Alonso, mulheres cujos movimentos se viam no interior dos sentidos – ardores, dores, sentimentos – e mulheres que



mantinham a compostura em ordem, “sem dar lugar a qualquer aparência, sendo tudo nelas confiança” (p.48).

As mulheres da fidalguia que habitavam o convento eram tidas como iluminadas, pois “introduziam um materialismo extremamente puro, porque não era condenável, em toda essa história do alumbradismo” (p.50). Racionais, sabedoras do seu papel social e dotadas de poder, eram emancipadas. De acordo com o autor-criador, elas refugiavam-se no convento “tendo em vista despenalizar a sua condição submetida aos desastres da maternidade e às decepções do casamento de conveniência; assim como às humilhações associadas aos deveres matrimoniais” (p.50).

Como o bem e o mal, o amor e o ódio coexistem no mesmo tempo e espaço, pois são “manifestações fortuitas dum poder imaginário, existente em todo o ser humano” (p.72), eles motivam as ações e reações das mulheres no convento da Anunciada. “Há, entre elas, muitas desenganadas, muitas militantes duma certa hostilidade ao corpo social; ou outras que se revoltam contra a sua qualificação de infra-estrutura” (p.72). Essa diversidade caracteriza o cronotopo do convento da Anunciada como um lugar de batalhas internas e externas, onde outros cronotopos coexistem.

Os cronotopos podem incorporar-se uns aos outros, coexistir, entrelaçar-se, permutar-se, confrontar-se, contrapor-se ou encontrar-se em inter-relações mais complexas. Por si sós, tais inter-relações entre os cronotopos já não podem integrar nenhum dos cronotopos inter-relacionados. O caráter geral dessa inter-relações é dialógico (na ampla acepção do termo). Mas esse diálogo não pode integrar o universo representado numa obra nem em nenhum dos seus cronotopos (representados): ele está fora do universo representado, embora não esteja fora da obra como um todo. (BAKHTIN, 2018, p. 229).

Maria de Menezes viveu oito anos ali sem ser notada. Era procedente de uma casta de muito poder econômico, mas era órfã, “magrinha e sujeita a percalços de saúde; delicada no trato e com um grande poder de atracção. [...] de estatura média, peito escorrido e tez pálida, em tudo o modelo medieval que ocupava ainda a imaginação erótica do homem da cátedra e da ascese” (p.87). Embora ela não tivesse um lugar de destaque como as mulheres Linhares, chama a atenção pelo “feitio amoroso” (p.87). O amor é o mote de sua existência e, por viver em busca constante de notícias dele, recebe sua primeira visita “em 1575, numa quarta-feira do Oitavário dos Santos” (p.88).



As visitas do amor que Maria de Menezes recebeu no convento da Anunciada dialogam com o tempo e espaço da *via crucis* de Jesus, maior prova de amor segundo o cristianismo, visto que Jesus sofreu e carregou, em seu próprio corpo, todas as dores da humanidade para salvá-la.

Na primeira visita, Maria “recebeu a coroa de espinhos. Num momento de devoção sensível em que viu Jesus banhado de sangue, com grande resplendor e formosura, ela teve a coroa que lhe deixou vestígios de pequenos orifícios na testa” (p. 88). Nesse momento de devoção, Maria transpassou o tempo e o espaço presente, além de ver Jesus banhado de sangue, ela sentiu em si o ferimento. O EU de Maria converteu-se naquele momento no OUTRO e materializou o grande tempo cristão, ou seja, o tempo doloroso de Jesus, no convento da Anunciada, conforme menciona o autor-criador em: “o amor reduzia a alteridade, e entre os seguidores do Senhor podiam aparecer as feições amadas e o seu padecimento, traço de união no corpo místico dos fiéis” (p.122)

Outras chagas de Cristo fizeram-se presentes na então agora conhecida como Maria da Visitação. Apesar de ter conseguido ocultar os estigmas, por quase dez anos, foram descobertos em março de 1584, quando lhe cortaram os cabelos e perceberam as marcas em sua testa. O segundo estigma recebido foi a ferida no peito, depois os cravos que lhes perfuravam os pés e as mãos. Descobertas as chagas de Cristo no corpo de Maria de Menezes, o convento se tornou um ambiente de batalhas ideológicas acerca da veracidade do milagre ou não, pois “a história da mística feminina tem sido incluída com reservas nos estados teopáticos; os estados que recebem de Deus o sofrimento como batismo superior, como aceitação da analogia transcendente” (p. 119).

Dois discursos se confrontam sobre o caso de Maria da Visitação – a graça divina e a doença psíquica. Esses discursos são carregados de valores ideológicos que evidenciam a incompreensão sobre o gênero feminino e o preconceito machista que se confirma na reflexão do autor-criador.

A mulher é, sem dúvida, melhor portadora destes acidentes do que o homem; o processo psicofísico que se desenvolve na ‘terra de ninguém’ que é a alma tiberiana, vaga e branda, sem pouso certo mas com singulares desejos de plenitude, é um caminho directo para o dom oracular e mediúnico. Mas raramente se permite a entrada da mulher na via da Eternidade e da Realidade espiritual. [...] Todavia, ela é uma espécie de



consumidora da espiritualidade que resume toda a intensidade duma civilização desenvolvida. (BESSA-LUIS, 1984, p. 119)

Tal qual exposto no excerto, tem-se que a mulher, biologicamente, é passível de “processo psicofísico”, o que justificaria as chagas ser fruto da neurose de Maria. Por outro lado, a mulher possui grande desenvolvimento espiritual, o que justificaria o encontro real com Jesus. Não se tem a valorização de um posicionamento sobre o outro, mas ambas as posições sobre as chagas confirmam a impossibilidade de a mulher alcançar a salvação eterna, como o “anjo caído do Céu”.

Os pais e os irmãos da fidalguia colocavam as mulheres solteiras nos conventos para proteção da linhagem, com o intuito de inibir suas vontades. Historicamente, a mulher sempre foi um ser que provoca o medo e a insegurança masculina, pois “a espiritualidade na mulher aparece carregada duma ameaça alucinante: a beatitude, como comportamento definitivo do feminino, representa o fim do prazer e a viragem da sexualidade, de singulares efeitos apocalípticos” (p.120). Isso dialoga com o conceito popular de que ou a mulher é santa ou é demônio.

No caso de Maria da Visitação, para alguns, “ela foi infectada dum amor que se traduz pela unidade do corpo com a alma, a sinceridade absoluta que é a qualidade do que é santo” (p.129). Para outros, ela estava infectada pelo mundo psíquico e mundanal. São, pois, dois cronotopos em diálogos: o divino e o demoníaco, que afloram dois sentimentos: o amor e o ódio, e representam duas posições ideológicas: o campo religioso e o campo político.

As condições políticas eram extremamente sugestivas, e era fácil passar da ortodoxia do ritual religioso à outra ortoxia da vida mental em que se conjugam as forças familiares do mundo material, a vontade de agir, de criar um tema de apreensão espiritual directo. Uma das formas mais comuns da religião temporal é o apocalipticismo. (BESSA-LUIS, 1985, p. 129)

O cenário que envolve o caso da Monja de Lisboa está no grande tempo histórico português e da Península Ibérica e retrata os interesses do clérigo e do império. Ao mesmo tempo que era preciso desenvolver o discurso Contrarreformista, fortalecer os valores cristãos pela escritura, precisam resgatar o espírito nacionalista, porque

é sabido que o caminho espiritual se relaciona vulgarmente a uma religião com preponderância psíquica da magia branca; no seu conjunto, com ramificações pseudo-religiosas idólatras que se repartem pelo nacionalismo



exacerbado ou qualquer forma de aspiração de poder (BESSA-LUIS, 1985, p.131).

O conflito se estabelece dentro e fora dos muros do convento da Anunciada. Em oposição ao discurso milagroso, as irmãs Linhares, lideradas por Margarida de S. Paulo negam as chagas de Maria da Visitação como indícios de um milagre, mesmo que uma delas certifica ter sido agraciada de um milagre da monja. Como mulheres da Renascença, consideram fora da doutrina o que se mistura magia. Para elas, só existia “o ensino religioso da ortodoxia. A intensidade da vida opõe-se à fé; é uma mulher da Contrarreforma” (p.193).

Assim, o cronotopo do convento é constituído por diferentes vozes e ideologias, construídas em tempos e espaços distintos. Como um grande tempo, nele não apenas ecoam vozes do passado, mas projetam essas vozes refratadas no presente da narrativa, como expõe o autor-criador:

O drama da priora baseia-se nesse facto que é hoje o drama essencial dos nossos dias: como cometer a lucidez sem ferir de morte a paixão. O milagre é obra do inconsciente; sendo este desvendado ou sendo-lhe atribuído um roteiro e uma explicação, tudo se codifica e recebe um bilhete de ingresso na praticabilidade comum. (BESSA-LUIS, 1985, p. 201)

O autor-criador compara o caso da Monja de Lisboa com uma obra teatral. Há quem goste e quem não goste, mas sempre há telespectadores para assisti-la e julgá-la. “Teve público numeroso e escolhido; teve o entusiasmo popular, a encenação apropriada, até a cortina, ou as cortinas que deixavam, entre ela e a plateia, o espaço suficiente da surpresa e da angústia que se relaciona com a acção” (p.201). Cada telespectador é um sujeito constituído por uma ideologia, por um tempo e lugar, e isso determina o seu modo de ver, de sentir, de julgar e de agir.

A mulher é um ser enigmático, dotada de poder e mistério, tem sua singularidade constituída socialmente. Maria de Menezes é uma mulher em convívio com outras mulheres, mas também esteve em diálogo com a escritura, com histórias bíblicas de santos e santas e com histórias místicas. Professora, comunga a palavra não pela palavra escrita, mas motivada pelo espírito do amor.

Dentro e fora do convento, Maria de Menezes viveu “na barafunda da Anunciada, rodeada de teólogos e fidalgos a quem a sua beleza fascina e a sua virtude excita, mantém o mistério muito para além das emoções que ela própria vive” (p.205) desde a infância. São,



portanto, os diálogos entre esses sujeitos, esses valores ideológicos, envoltos de vozes cronotopicamente construídas que Maria é julgada, condenada e santificada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agustina Bessa-Luís, autor-pessoa do romance **A monja de Lisboa**, produz uma obra literária que dialoga com diferentes momentos da História portuguesa. A narrativa leva o leitor a refletir sobre vários cronotopos dessa História, não em busca da validação ou não das chagas de Maria de Menezes, mas a pensar sobre as ideologias que cerceiam o homem português e o homem ibérico ao longo de sua existência.

O autor-criador de **A monja de Lisboa** apresenta a história de Maria de Menezes entre Histórias e histórias, isto é, traça diálogos com fatos reais e fictícios. No interior do convento e fora dele, o conflito entre Reforma protestante e Contrarreforma católica evidencia um embate não apenas religioso, mas também político. Mesmo que o discurso contrarreformista fosse o imposto à sociedade, principalmente ao clérigo e aos conventos, os valores reformistas sustentavam muitas ações, porque a fé no espírito alicerçava-se no grande tempo que se desenvolve a sociedade portuguesa.

Muitos foram os exemplos da presença do amor de Cristo documentados. “A primeira aparição de Jesus sucedeu junto ao monumento funerário, e foi sua espectadora uma mulher” (BESSA-LUIS, 1985, p. 123). Registra-se a sua presença materializada na carne humana primeiramente em S. Francisco de Assis e S. Tomé, discípulo de Cristo. O autor-criador de *A Monja de Lisboa* também cita que experimentaram a paixão de Cristo “Ângela de Foligno, Catarina de Sine, Catarina Emmerick, Teresa Neumann” (p. 123).

Frei Luís de Souza e Frei Alonso de La Fuente, bem como outros freis, estudaram o caso de Maria da Visitação, observando suas chagas e avaliando as características e o comportamento de Maria. Cada um tem sua singularidade formativa e ideológica, trava diálogos com escrituras e sujeitos distintos que interferem na forma de julgar o que envolve a mística da Monja. Enquanto Frei Luís de Souza comunga da compaixão da paixão – metáfora do amor – e define Maria da Visitação como uma iluminada; Frei Alonso de La Fuente considera-a alumbrada.

São, portanto, diferentes cronotopos em diálogo: cronotopo trágico, por haver personagens dentro e fora do convento em conflitos de interesses e ideológicos; cronotopo cômico, por existir predomínio de personagens equilibrados pela posição social que ocupam,



como algumas mulheres Linhares e representantes do clérigo; cronotopo tragicômico, por a narrativa não se concentrar em personagens dominantes, já que dá voz a diferentes sujeitos em espaços e tempos distintos para despertar “o espírito de conciliação” (BESSA-LUIS, 1985, p.8)

Como o próprio autor-pessoa ressalta no prólogo da obra, “A História é uma tradução deficiente que tem por ela o fator da actividade, fator que falta ao escritor. O historiador situa-se entre os povos caçadores; o escritor, entre os povos pastoris” (p.8). Assim, o cronotopo do convento foi analisado na perspectiva do grande tempo bakhtiniano, no qual diferentes vozes dialogam – sujeitos históricos construídos por historiadores e reconstruídos pelo autor-criador.

A leitura e a interpretação, neste estudo, estabeleceram diálogos teórico-metodológico bakhtiniano com o texto artístico-literário **A monja de Lisboa** escrito por Agustina Bessa-Luis, a fim de encontrar significados sobre o grande tempo português. Outros percursos analítico, teórico e dialógico podem conduzir a outros sentidos.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. Notas sobre literature, cultura e ciências humanas. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BENELLI, Sílvio José. *O convento: matriz original das instituições totalitárias e o surgimento da sociedade disciplina*. Revista de Psicologia da UNESP, 8(1), 2009. Disponível em: <https://revpsico-unesp.org/index.php/revista/article/view/> Acesso em: 22 abr. 2023.
- BERMONG. Nele, et.al. *Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas*. Trad. Oziris Borges Filho, et.al. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BESSA-LUIS, Agustina. *A monja de Lisboa*. Lisboa: Guimarães editores, LDA, 1985.
- CASTEL, Robert: *A Ordem Psiquiátrica - A idade de Ouro do Alienismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1978. Disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/instrumentos/ordempsiquiatica.pdf> Acesso em: 10 mar. 2023.
- DIEL, Paulo Fernando. *As escolas dos mosteiros medievais: dinâmica social, didática e pedagogia*. Revista Educação Unisinos, v.21, n.3, p-405-414, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4496/449656535015/html> Acesso em: 22 abr. 2023.



FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. (org.) *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

GÓMEZ, Jesús Alvarez. *Historia de la vida religiosa*. 2. ed., v. 3. Madrid: Publicaciones Claretianas, 1996. Disponível em: <https://dokumen.pub/historia-de-la-vida-religiosa-03-scan.html> Acesso em: 10 mar. 2023.

PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. São Paulo, Paulinas, 1982.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Mercado das Letras, 2009. Série Ideias sobre Linguagem.

Recebido: 23/03/2023

Aprovado: 10/04/2023

